

Editorial

Psicanálise Periférica: pela inauguração de uma psicanálise brasileira

É com imensa satisfação que inauguramos a Revista de Psicanálise Periférica, um espaço dedicado à publicação de textos escritos por psicanalistas que atuam ou residem em territórios periféricos, além de profissionais que, através da arte, do trabalho ou da educação, promovem saúde mental nesses contextos. Com o compromisso de dar voz a um pensamento muitas vezes marginalizado, buscamos democratizar e ressignificar a psicanálise, tornando-a acessível e relevante para os debates contemporâneos.

Nesta primeira edição, abordamos o tema que dá nome ao nosso coletivo e à revista: Psicanálise Periférica. Nossa proposta é explorar as múltiplas dimensões desse conceito, refletindo sobre "psicanálise na periferia", "psicanálise da periferia" e "psicanálise para a periferia". Esses debates trazem à tona questões cruciais como território, interseccionalidade, escuta e subjetividade, que nos permitem pensar a saúde mental de maneira mais inclusiva e transformadora, com profundo impacto na realidade brasileira.

Iniciamos com a "Carta aos jovens psicanalistas periféricos" onde Gabriel Baessa explora a trajetória de formação de psicanalistas oriundos de territórios periféricos, evidenciando os desafios que encontram devido ao elitismo e ao dogmatismo que permeiam a profissão. Baessa aborda o conceito de "cafonia psicanalítica", referindo-se à preservação de uma postura ortodoxa e inacessível, que exclui novas perspectivas e questionamentos trazidos por psicanalistas marginalizados. No entanto, ele argumenta que a marginalidade sempre foi vital para a renovação da psicanálise, sugerindo que a entrada de novos profissionais periféricos, negros e de classes populares pode oxigenar a prática e contribuir para uma psicanálise mais inclusiva e conectada com as realidades brasileiras contemporâneas.

Em seguida, Nelson Neto explora a possibilidade de uma psicanálise enraizada nas realidades periféricas, ressaltando a importância de subverter a lógica colonial que predomina no campo psicanalítico. Ao propor a noção de "Psicanálise desde a Periferia", Neto defende a periferia não como um lugar de subalternidade, mas como um espaço de produção autêntica e epistemológica, capaz de enriquecer a prática psicanalítica com novas perspectivas que englobam as interseccionalidades e contextos históricos de violência. A proposta é que essa psicanálise se desloque de um saber colonizado e elitista, para se transformar em uma prática mais inclusiva e coerente com as necessidades das populações periféricas, sem perder de vista os princípios fundamentais da formação analítica, como análise individual, ensino e supervisão.

Felipe Paes Piva critica a hegemonia da razão ocidental, que se baseia em dicotomias e universalismos, como mente/corpo e sujeito/objeto, historicamente utilizados para justificar a dominação colonial e a exclusão de vozes subalternas. Piva argumenta que essa epistemologia mestra não é universal, mas localizada e baseada em estruturas de poder que privilegiam o homem branco ocidental. Ele propõe uma ruptura com essa tradição, defendendo saberes localizados e posicionados que sejam politicamente responsáveis, reivindicando o reconhecimento das experiências e perspectivas de grupos historicamente oprimidos, como as feministas negras e os movimentos pós-coloniais. Ao fazê-lo, o autor busca caminhos para "mudar a geografia da razão", promovendo uma epistemologia que reconheça a diversidade e a interseccionalidade como bases fundamentais para a produção de conhecimento mais inclusivo e libertador.

Vitor Ahagon explora o diálogo entre o anarquismo e a psicanálise, destacando como militantes anarquistas nas décadas de 1940 e 1950 interpretaram a psicanálise em três perspectivas: apologética, negativa e crítica. Apesar das diferenças históricas e contextuais, Ahagon argumenta que o ponto de contato mais evidente entre essas duas tradições está na análise do poder nas esferas pública e privada, abordando desde as relações familiares até as hierarquias sociais e políticas. O estudo foca no jornal Ação Direta e destaca figuras como Eduardo Colombo e Esther Redes, que utilizaram a psicanálise para enriquecer as análises anarquistas sobre dominação e emancipação, especialmente no campo da crítica ao autoritarismo, tanto estatal quanto capitalista. Ahagon também ressalta a importância de Erich Fromm, cujas teorias humanistas foram alinhadas com os ideais anarquistas de liberdade e autonomia.

Nathália Ribeiro Silva examina a eficácia das práticas de cuidado em saúde mental nos CAPS da cidade, destacando a importância da reforma psiquiátrica e o modelo antimanicomial. O estudo, baseado na observação participante de quatro CAPS (CAPSI, CAPS AD, CAPS Adulto e CAPS Água Viva), analisa a interação entre profissionais de saúde, usuários e a militância goiana em prol da reforma. O trabalho se ancora na obra de Frieda Fromm-Reichmann, que enfatiza a escuta ativa e a consideração pela subjetividade dos pacientes esquizofrênicos, propondo uma abordagem terapêutica que respeita suas formas de comunicação e existência.

O artigo de Kleber Salomão, "Racismo e Sexismo na Cultura Psicanalítica Brasileira", examina criticamente a perpetuação de violências estruturantes na psicanálise no Brasil, apontando como as práticas e discursos tradicionais dessa ciência, desenvolvidos majoritariamente por e para sujeitos brancos, reforçam o racismo e o sexismo. A análise

ressalta que esses saberes, muitas vezes desvinculados da realidade social brasileira, alienam tanto os corpos não-brancos quanto dissidentes de gênero, relegando-os à marginalidade. Ao confrontar as contradições entre a psicanálise acadêmica e os coletivos periféricos, o autor reivindica a democratização desse saber, sugerindo que a escuta psicanalítica precisa estar mais atenta às questões culturais e estruturais que afetam os corpos e subjetividades periféricas.

Anderson Eurípedes, aborda como as violências estruturantes do racismo e da homofobia são reproduzidas nos espaços de psicanálise no Brasil. A obra questiona como os corpos negros, queer e periféricos são tratados nas práticas psicanalíticas, destacando a necessidade de transformar esses espaços, historicamente ocupados por uma branquitude elitista. A partir da perspectiva da interseccionalidade, o autor defende a criação de uma psicanálise crítica e inclusiva, que acolha as singularidades e subjetividades das minorias, rompendo com o discurso eurocêntrico predominante.

No texto "Ancestralidade, Transmutação e Resistência", Mariá Souza Santos analisa o filme "Uma História de Amor e Fúria" à luz das ideias de Ailton Krenak, refletindo sobre a resistência cultural e política frente à colonização, capitalismo e necropolítica. Através do personagem Abeguar, que transita por diversas épocas da história do Brasil, a obra aborda a luta pela sobrevivência e a capacidade de transformação, simbolizada pela transmutação do protagonista em pássaro. Santos articula essa narrativa com a perspectiva de Krenak sobre a importância dos sonhos e da ancestralidade como meios de resistência e de criação de novos mundos possíveis

O poema "Olhos Midriáticos" de Brisa Serena reflete sobre a fragmentação identitária e a busca por um reconhecimento que transcende a superfície. Neidi Sansone apresenta o poema "Para além do Pajubá: Rebelião e Revolução" trazendo uma reflexão contundente sobre a violência e opressão sofridas por corpos marginalizados, especialmente negros e LGBTQIA+. Com linguagem forte e crítica, ambas pessoas autoras expõem a urgência de uma revolução contra as estruturas que desumanizam e eliminam, reivindicando o direito à existência plena e livre.

Por fim, uma entrevista com Maria Lúcia da Silva, psicóloga, psicanalista e psicoterapeuta, co-fundadora do Instituto AMMA - Psique e Negritude, coordenadora da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) do Brasil, além de Empreendedora Social ASHOKA. Com uma trajetória de profundo engajamento nas questões raciais e de gênero, Maria Lúcia enfatiza a necessidade de inaugurar uma psicanálise brasileira que seja comprometida com o contexto sociopolítico do país.

Esperamos que este número e os próximos representem uma contribuição seminal para o rompimento do silenciamento que ainda permeia a prática psicanalítica tradicional e, ao mesmo tempo, contribua na pavimentação de caminhos de construção de uma clínica que leve em consideração as especificidades da experiência periférica.